

A ANÁLISE DE FONESTEMAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UM ESTUDO INICIAL¹

Charley Pereira Soares – Universidade Federal de Viçosa

Aparecida de Araújo Oliveira – Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

A iconicidade dos signos linguísticos já é algo conhecido tanto para as línguas em modalidade espaço-visual quanto para as línguas em modalidade oral-auditiva. A mais conhecida forma de iconicidade nas línguas orais é a onomatopeia, que são signos com iconicidade primária, visto que apresentam semelhanças em termos de percepção auditiva com os respectivos referentes (CRUSE, 1986, p. 34). Há ainda elementos da língua, menores que morfemas, conhecidos como simbolismo sonoro, que apresentam iconicidade secundária porque não remetem a nenhum referente em particular. Exemplos são a vogal [i], presente em muitos substantivos e adjetivos que evocam a ideia de “pequenez” (ULLMANN, 1962). Nas línguas orais, essa iconicidade secundária é representada pelos fonestemas (ABELIN, 1999), ou seja, a associação sinestésica entre um som ou cadeia de sons linguísticos a um determinado conteúdo conotativo, repetindo-se em várias palavras que compartilham dessa noção. A semelhança entre simbolismo oral e simbolismo em línguas de sinais é reconhecida por Moreno (1999). Nas línguas de sinais, componentes como configuração da mão ou localização podem expressar um conteúdo comum a determinado grupo de sinais, que chamamos famílias lexicais. Esses autores destacam o papel do simbolismo sonoro no surgimento de novos signos. Nosso objetivo é identificar grupos de fonestemas em algumas famílias de signos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), descrevendo sinais que se relacionam formal e semanticamente, por meio de determinados parâmetros fonológicos como configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação da palma das mãos e expressões não-manuais. Em caráter inicial de pesquisa, identificamos alguns sinais e os categorizamos a partir de padrões observados na sua constituição fonológica e semântica. i) FAMÍLIA, COMUNIDADE/CONGRESSO, DEPARTAMENTO, REUNIÃO, ii) ARTIGO-LEI, CURRÍCULO, CONTEÚDO, CAPÍTULO, DECRETO, EDITAL, ESTATUTO, LEI, PROGRAMAÇÃO, PROJETO, PROPOSTA, RELATÓRIO, REGULAMENTO, TEXTO iii), FLEXÃO, SÍLABA, HOMONÍMIA, POLISSEMIA, LÉXICO, MORFOLOGIA, PREFIXO, SUFIXO, iv) VIDEO-AULA, AMBIENTE VIRTUAL APRENDIZAGEM, CHAT, E-MAIL, HIPERTEXTO, LEGENDA, PARTICIPAÇÃO ONLINE, SLIDE-POSTAR, VIDEO-CONFERENCIA, v) PÓS-GRADUAÇÃO, MESTRADO, DOUTORADO. Na família i, a base é um movimento que indica ‘grupo’. Na família ii, a base é uma configuração de mão que indica ‘registro’. Na família iii, a base é uma configuração que representa uma ‘unidade linguística’. Na família iv, detectamos uma base comum nesses sinais, refletindo a ideia de ‘monitor’ com uma configuração de mão semelhante a ‘L’. E, finalmente, na família v, a base de formação por meio da mão passiva fechada, trazendo uma ideia de ‘formação’. Para esse trabalho, empregamos sinais encontrados no glossário Letras

¹ SOARES, C. P.; OLIVEIRA, A. A. A ANÁLISE DE FONESTEMAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UM ESTUDO INICIAL. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-14.

Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em sinalizações de pessoas surdas, se caracterizando como uma metodologia de observação direta. As evidências já encontradas nesta fase inicial do estudo apontam caminhos que relacionam a estrutura fonológica da Libras à sua dimensão semântica, ampliando nortes para o entendimento dos processos de criação terminológica ou neologismos da língua e também para o ensino da Libras.

Palavras-chave: Família lexical, Fonestemas, Libras

INTRODUÇÃO

Simbolismo sonoro é um conceito normalmente aplicado a línguas orais e representa um aspecto da iconicidade linguística. Nessas línguas, o simbolismo sonoro envolve onomatopeias e os chamados símbolos sonoros ou fonestemas. Este último fenômeno corresponde, nessas línguas, a grupos de fonemas que, sem se encaixarem na definição clássica de morfema, muitas vezes evocam uma noção de natureza mais vaga que constitui o significado de diversas palavras que contém tais fonemas (ULLMANN, 1962, p. 17-24). Dessa forma, a noção de simbolismo sonoro ou fonestesia, é de interesse da fonética, da estilística e da semântica.

Neste trabalho, abordamos o conceito de fonestemas em sua aplicação à Língua Brasileira de Sinais. Nosso propósito é descrever sinais que se relacionem formal e semanticamente, por meio de determinados parâmetros fonológicos² como configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão e expressões não-manuais.

Sabendo disso, iniciamos nosso texto tratando da caracterização desses conceitos em sua relação com as línguas orais e do seu papel na iconicidade linguística. Em seguida, focamos na definição de fonestemas quando aplicados a línguas de sinais em específico na Libras.

Em línguas de sinais os fonestemas seriam associações ou relações estabelecidas entre articuladores visuais como os parâmetros fonológicos, a um determinado conceito, se repetindo em vários sinais que fazem alusão a esse mesmo sentido (RATHMANN; MATHUR, 2010?; HEALY, 2011) Ao reconhecer essas

² Nesse trabalho utilizamos a palavra fonológico seguindo os padrões nacionais e internacionais que discutem esse nível linguístico nas línguas de sinais e nas línguas orais. Contudo, no Brasil, há uma recente proposta feita pelo professor Valdo Nóbrega (2016) para que os estudos no âmbito da fonologia sejam denominados de sigmanologia, fazendo menção ao signo e a modalidade visuo-espacial dessas línguas.

similaridades semânticas existentes entre os sinais, pode-se obter a chamada família lexical. No Brasil, pesquisas dessa natureza ainda são incipientes, o que justifica nossa iniciativa. Caso nos debruçemos em estudos nessa linha, poderemos encontrar, talvez, promissoras perspectivas quanto a aspectos lexicológicos e lexicográficos na/para Libras.

ICONICIDADE E SIMBOLISMO SONORO NAS LÍNGUAS ORAIS

Apesar de descartada por Ferdinand de Saussure (1991 [1916]) em sua conhecida defesa da “arbitrariedade do signo linguístico”, a iconicidade já há algum tempo parece ser uma questão resolvida e aceita, como afirma Ullmann (1977 [1964], p. 169), ao observar que todo idioma apresenta signos “arbitrários e opacos” e outros “até certo grau, motivados e transparentes”.

Um símbolo sonoro ou fonemas diz respeito à associação sinestésica entre um som ou cadeia de sons linguísticos a um determinado conteúdo conotativo, cadeia essa que se repete em várias palavras que compartilham essa noção. Uma menção a esse aspecto particular da iconicidade linguística já podia ser encontrado no diálogo *Crátilo*, de Platão (c. 429-347 a. C.), para explicar a motivação por trás dos "nomes originais", a qual não poderia ser justificada por meio da etimologia (Weedwood, 2005, p. 24-26). Um exemplo do grego retirado do famoso diálogo é o fonema [l], que representa a ideia de deslizar ou resvalar, um significado que está presente nas formas gregas *liparón* (liso), *glyký* (doce) e *glískeron* (viscoso).

Bloomfield (1961 [1933], p. 244-245) identifica essas cadeias como "morfemas formadores de radicais (*root-forming morphemes*) de significação vaga", os quais, como demonstram seus exemplos na língua inglesa, podem ocorrer no início ou no fim do radical. Alguns exemplos de sequências em posição inicial são:

[fl-] 'luz em movimento': *flash* (clarão súbito), *flare*, *flame*, *flick-er*, *flimm-er*.

[gl-] 'luz estática': *glow*, *glare*, *gloat*, *gloom* (*gleam*, *gloam-ing*, *glimm-er*), *glint*.

[sn-] 'separação ou movimento rápido': *snap* (*snip*), *snatch* (*snitch*).

Exemplos de sequências em posição final no inglês são:

[-ejr] 'grande luz ou ruído': *blare*, *flare*, *glare*, *stare*.

[-awns] 'movimento rápido': *bounce*, *jounce*, *pounce*, *trounce*.

[-omp] 'desajeitado': *bump*, *clump*, *chump*, *dump*, *frump*, *hump*, *lump*, *rump*, *stump*, *slump*, *thump*.

Entretanto, de acordo com o mesmo autor, essas "raízes simbólicas" diferem do padrão morfológico da língua inglesa no tocante à coexistência de sons semelhantes no radical e no sufixo. Apenas itens com essas sequências simbólicas obedecem a um princípio segundo o qual a presença de [r] no radical impede a ocorrência de um sufixo [-r] e, igualmente, a presença de um [l] anterior não permite a ocorrência de um [-l] como sufixo. Segundo esse autor, *brabble* (discutir em voz alta, alterar) e *blabber* (falar excessivamente, sem nexos) são palavras com raízes simbólicas no inglês, em contraste com **brabber* ou **blabble*, inexistentes nesse idioma.

Assim, como as onomatopeias, fonestemas formam um tipo de indutores fonéticos (*phonetic elicitors*) de traços semânticos (Cruse, 1986, p. 35; 46), mas distinguem-se daquelas em função do tipo de iconicidade que representam e da sua produtividade na língua.

As onomatopeias são expressões que contém ou consistem de sons que apresentam semelhanças em termos de percepção auditiva com os seus referentes na realidade (Cruse, 1986, p. 34). Exemplos conhecidos são nomes de pássaros ou de artefatos, formados por sequências que imitam o som que esses seres produzem – “quero-quero”, “reco-reco”, ou verbos como “tilintar”, contendo fonemas que reproduzem o som de sinos ou campainhas, “miar”, que imita a voz de um gato. São, portanto, morfemas livres, simples ou complexos. A iconicidade nessas expressões depende, então, do meio fônico e, por isso, é considerada iconicidade primária (igualmente a Lyons (1984, p. 103), com base no termo onomatopeia primária, preferido por Ullmann (1977 [1964], p. 175) em contraste com a onomatopeia secundária ou iconicidade secundária, que aqui chamamos de fonestemas.

Sob esse aspecto, o simbolismo sonoro se distingue por apresentar um tipo de iconicidade secundária (Lyons, 1984, p. 104), tendo em vista que, nesse caso, “o lexema [contendo um fonestemas] não denota um som ou a fonte de um som”. Por exemplo, destaca Ullmann (p. 182), em vários idiomas, a vogal [i] está presente em muitos substantivos e adjetivos que evocam a ideia de pequenez, como *petit* do francês, *little* e *wee* do inglês, *kicsi* no húngaro. Ainda assim, como explica esse autor, podem ser apontados outros tantos contra exemplos, como *big* e *small* (respectivamente, "grande" e "pequeno" no inglês), *apró* ("fino", "miúdo" em húngaro) ou *Riese* ("gigante" em alemão).

É importante salientar, contudo, que na maioria das vezes, a presença de um fonema como |i| não está associada a nenhum sentido que permita a identificação de iconicidade primária ou secundária. Nesse caso, o som permanece neutro e “a palavra será opaca e inexpressiva”.

A expressão símbolo sonoro parece ser controversa quando se para Abelin (1999), o adjetivo *sound symbolic* se refere a expressões que apresentam, em sua estrutura sonora, algum tipo de motivação semântica, tais como onomatopeias. Essa definição distingue-se daquela de *símbolo* apresentada por Pierce (1955), cuja principal diferença em relação ao *índice* e ao *ícone* está justamente na arbitrariedade do primeiro.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS REFERENTES ÀS FAMÍLIAS LEXICAIS EM LÍNGUA DE SINAIS

Rathmann e Mathur (2010?) ponderam que as famílias lexicais são grupos de sinais que compartilham da mesma especificação para um ou mais parâmetros fonológicos e se enquadram em uma mesma categoria semântica. Por isso, essa denominação pode ser estendida a todas as línguas de sinais, evidenciando certas semelhanças entre elas. Para exemplificação, recorreremos a alguns léxicos da Língua de Sinais Britânica (BSL)³ apresentados por Rathmann e Mathur (2010?), em que os sinais da primeira coluna têm uma mesma configuração de mão em caráter semântico positivo. Na segunda coluna, os sinais possuem, entre si, uma mesma configuração de mão expressando uma ideia de negatividade. Nesse caso, essas configurações serão as bases.

Positivo	Negativo
CONGRATULATE	CRITICIZE
RIGHT	WRONG
GOOD	BAD

Outro exemplo que os autores supracitados comentam e merece destaque é em relação a Língua de Sinais Americana (ASL). A seguir, há o esboço de um quadro com um tipo de família lexical baseada no gênero, onde os sinais referentes ao sexo

³ Os sinais da BSL, bem como de várias outras línguas de sinais podem ser encontrados no *site* <https://www.spreadthesign.com/br/> ou de aplicativos do mesmo endereço eletrônico.

feminino são realizados do nariz para baixo e os sinais referentes ao sexo masculino são produzidos do nariz para cima. Isso demonstra que o parâmetro localização é a base desse grupo de sinais.

Feminino	Masculino
WOMAN	MAN
MOTHER	FATHER
DAUGHTER	SON
GRANDMOTHER	GRANDFATHER
SISTER	BROTHER

ASPECTOS METODOLÓGICOS E CARACTERIZAÇÃO DOS DADOS

Para condução desse trabalho, nos apoiamos em perspectivas que se baseiam na pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (2001), esse tipo de pesquisa não se atenta especificamente apenas a números e percentagens, mas busca descrever, entender e elucidar relações e situações dinâmicas e sociais.

Seguindo essa direção, o corpus aqui elaborado é proveniente de acesso ao Glossário do curso Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), além do registro livre obtido por enunciações de surdos sinalizantes via observação direta. Esse caminho foi traçado por nós, autores, pelo fato de reconhecermos a possibilidade da existência dos fonestemas também na Libras.

ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS FONESTEMAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A seguir será apresentada algumas famílias lexicais identificadas na Libras, onde há um ou mais parâmetros fonológicos (fonemas) em comum compartilhando da mesma ideia semântica.

No primeiro conjunto de exemplos, percebe-se que o movimento é um parâmetro em comum trazendo uma perspectiva de formação/constituição de um grupo e/ou aglomerado de pessoas.

**FAMÍLIA****COMUNIDADE/CONGRESSO****DEPARTAMENTO****REUNIÃO**

No segundo exemplo, tem-se uma família lexical que compartilha a mesma configuração de mão e, em alguns casos, o mesmo movimento. O sentido se refere a registros escritos.

**ARTIGO-LEI****CURRÍCULO**



CONTEÚDO



CAPÍTULO



DECRETO



EDITAL



ESTATUTO



LEI



PROGRAMAÇÃO



PROJETO



PROPOSTA



RELATÓRIO



REGULAMENTO



TEXTO

No terceiro exemplo de família lexical, encontra-se uma mesma configuração de mão utilizada pelos sinais com sentido relacionado a unidades linguísticas (significativa).

**FLEXÃO****SÍLABA****LÉXICO****MORFOLOGIA****PREFIXO****SUFIXO**

**POLISSEMIA****HOMONÍMIA**

No próximo exemplo, a família lexical identificada faz uso de uma mesma configuração de mão com sentido referente a um monitor/tela.

**GRAVAÇÃO-VIDEO****VIDEOCONFERÊNCIA****VIDEO-AULA****HIPERTEXTO**

**CHAT****PARTICIPAÇÃO ONLINE****LEGENDA****POSTAR-SLIDE**

Por fim, segue uma família lexical que possui em comum uma mesma configuração de mão e movimento. O sentido desse grupo é atribuído a ideia de formação acadêmica (diploma/título).

**PÓS-GRADUAÇÃO**

**MESTRADO****DOUTORADO**

Após a apresentação dessas famílias lexicais, evidencia-se que na Libras também podemos encontrar os fonestemas, ou seja, existe uma relação semântica e fonológica (articuladores visuais) a partir de uma mesma base linguística que se repete em alguns signos, conforme aponta estudos feitos em línguas orais (ABELIN, 1999).

Esses fonestemas são considerados, segundo Ullmann (1962), elementos menores que os morfemas, que possuem iconicidade secundária, pelo fato de não conterem um referente específico capaz de trazer a significação ou referência plena como acontece com signos que possuem iconicidade primária. Na Libras, um clássico exemplo de iconicidade primária é o sinal ÁRVORE, já que esse lexema é expresso pela representação e caracterização visual do objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas que envolvam os fonestemas nas línguas orais já são difundidas no cenário internacional. Contudo, em relação às línguas de sinais, ainda existe uma lacuna de estudos que discutam as interlocuções fonológicas e semânticas na constituição de signos. Por se tratar de línguas naturais, acreditamos na existência desse fenômeno.

Por fim, esse trabalho traz considerações ainda iniciais sobre essa temática, mas que viabiliza uma gama de possibilidades para a compreensão e avanços no que

tange a linguística teórica e descritiva como a lexicologia, lexicografia e linguística aplicada ao ensino da Língua Brasileira de Sinais, bem como incentivar a reflexão de novos pesquisadores para essa área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELIN, A. **Studies in Sound Symbolism**, Goteborg University, Goteborg, Sweden, 1999.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961 (1933).
- CRUSE, D. A. **Lexical semantics**. Melbourne: Cambridge University Press, 1986.
- HEALY, C. Pinky Extension as a Phonestheme in Mongolian Sign Language. **Sign Language Studies**, v.11, n.4, 2011, p. 575-593.
- LYONS, J. **Semantics**. Melbourne: Cambridge University Press, v. 1, 1984.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORENO, J. B. **Importancia de los fonemas en el campo fonético-fonológico y morfológico**. *Lingua Americana Año III*, n.9, 1999, p. 59-70.
- NÓBREGA, V. R. R. Processo de transformação terminológica da teoria linguística das línguas de sinais: da fonologia para a sigmanulogia. In: Congresso Abralín em Cena Libras, **Caderno de Resumos**, Maceió: UFAL, 2016, p. 6.
- RATHMANN, C.; MATHUR, G. **Sign Morphology**. Washighton D.C: Gallaudet University, 2010?, p. 1-32.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, (1991 (1916)).
- ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977 (1964).
- WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2005.